

Corrente de Espinhos

CASSANDRA CLARE

AS ÚLTIMAS HORAS LIVRO 3

Tradução
Inês Castro

Para Emily e Jed.
Estou contente por terem finalmente casado.



Devemos aprender a tolerar o que não podemos evitar; a nossa vida, como a harmonia do mundo, é composta de elementos contrários, de tons diversos, doces e ásperos, agudos e surdos, alegres e solenes: o músico que só adotasse alguns destes, o que conseguiria fazer? Tem de saber como tirar partido de todos eles e misturá-los; e assim devemos combinar os bens e os males que são consubstanciais à nossa vida; o nosso ser não pode subsistir sem essa mistura e uma parte não é menos necessária do que a outra.

MICHEL DE MONTAIGNE, *Ensaaios*

PRÓLOGO

Mais tarde, James só se lembrava do som do vento. Um guincho metálico, como uma faca a raspar num fragmento de vidro e, muito abaixo, o som de um uivo, desesperado e faminto.

Caminhava por uma estrada comprida e sem rastros: parecia que ninguém a trilhara antes dele, pois não havia marcas no solo. O céu, lá em cima, estava igualmente despido. Não poderia dizer se era dia ou noite, verão ou inverno. Apenas a terra castanha nua a estender-se diante de si e o céu cor de pedra de calçada por cima.

Foi então que o ouviu. O vento, a soprar, espalhando folhas mortas e cascalho solto em volta dos seus tornozelos. A crescer de intensidade, o som quase disfarçou o ruído dos passos que se aproximavam.

James girou e olhou para trás. Rolos de poeira redemoinhavam no ar, levados pelo vento. A areia fazia-lhe arder os olhos. A precipitar-se pela confusão da tempestade de areia, vinha uma dúzia, não, uma centena, mais de uma centena, de figuras escuras. Não eram humanas, isso sabia; embora não voassem propriamente, pareciam fazer parte do vento fogueiro, sombras a enrolar-se em volta delas como asas.

O vento uivou nos seus ouvidos quando passaram por ele, um grupo entrecruzado de criaturas de sombras, trazendo com elas não apenas um calafrio físico, mas também uma sensação de ameaça fria. Sob e através do som da sua passagem, como fio a ser tecido num tear, veio uma voz sussurrada.

– Despertam – disse Belial. – Ouves, neto? Despertam.

James soergueu-se com um sacão, ofegante. Não conseguia respirar. Subiu a pulso, saindo da areia e das sombras, e encontrou-se numa sala desconhecida. Fechou os olhos, abriu-os de novo. Desconhecida não: sabia onde estava agora. O quarto de estalagem que partilhava com o pai. Will dormia na outra cama; Magnus achava-se algures ao fundo do corredor.

Deslizou para fora da cama, retraindo-se quando os pés nus tocaram no chão frio. Atravessou o quarto em silêncio até à janela e fitou os campos cheios de neve, iluminados pela Lua, que se estendiam até onde a vista alcançava.

Sonhos. Aterrorizavam-no: desde que se conseguia lembrar, Belial vinha ter com ele através de sonhos. Tinha visto os reinos sombrios dos demónios nos seus sonhos, tinha visto Belial matar nos seus sonhos. Não sabia, mesmo agora, quando é que um sonho era apenas isso, um sonho, e quando era alguma verdade horrível.

O mundo preto e branco lá fora refletia apenas a desolação do inverno. Encontravam-se algures perto do gelado rio Tamar; tinham parado na noite anterior quando a neve se tornara demasiado espessa para cavalgar. Não tinha sido uma saraivada bonita e abundante, ou sequer uma rajada caótica e explosiva. Esta neve tinha direção e propósito, batendo num ângulo cortante no solo despido, castanho-ardósia, como uma torrente interminável de flechas.

Apesar de não ter feito nada além de ficar sentado na carruagem o dia inteiro, James tinha-se sentido exausto. Mal conseguira engolir um pouco de sopa quente antes de subir as escadas e cair na cama. Magnus e Will tinham continuado no salão, em poltronas junto à lareira, a conversar em voz baixa. James calculava que estivessem a falar dele. Deixá-los falar. Não queria saber.

Era a terceira noite desde que tinham saído de Londres, numa missão para encontrar a irmã, Lucie, que partira com o feiticeiro Malcolm Fade e o cadáver preservado de Jesse Blackthorn, com um intento tão sinistro e assustador que nenhum deles desejava proferir a palavra que todos temiam.

Necromancia.

O mais importante, sublinhava Magnus, era achar Lucie o mais depressa possível. O que não era tão fácil como parecia. Magnus sabia que Malcolm

tinha uma casa na Cornualha, mas não exatamente onde, e Malcolm bloqueara qualquer tentativa para Localizar os fugitivos. Tinham tido de recorrer a uma abordagem mais antiquada: paravam com frequência em vários bares do Mundo-à-Parte ao longo do percurso. Magnus conversava com os locais, ao passo que James e Will tinham de esperar na carruagem, escondendo que eram Caçadores de Sombras.

– Nenhum deles me dirá nada se pensarem que viajo com os Nefilim – dissera Magnus. – A vossa hora virá quando chegarmos a casa de Malcolm e tivermos de lidar com ele e com Lucie.

Naquela noite, tinha dito a James e a Will que achava que podia ter encontrado a casa, que poderiam lá chegar facilmente na manhã seguinte, com algumas horas de viagem. Se não fosse o sítio certo, seguiriam viagem.

James desesperava para encontrar Lucie. Não apenas porque estava preocupado com ela, claro que estava. Mas por causa de tudo o resto que estava a acontecer na sua vida. Tudo o que pusera de lado, tudo o que dissera a si mesmo que não devia considerar até encontrar a irmã e saber que ela estava em segurança.

– James? – A voz sonolenta interrompeu-lhe os pensamentos. James afastou-se da janela e viu o pai sentado na cama. – Jamie *bach*, o que se passa?

James fitou o pai. Will parecia cansado, a juba de cabelo negro despenteada. As pessoas diziam muitas vezes a James que ele era como Will, o que sabia ser um elogio. Toda a sua vida, o pai tinha parecido o homem mais forte que conhecia, o homem com mais princípios, o mais veemente no seu amor. Will não se questionava. Não, James não era nada como Will Herondale.

Apoiou as costas na janela fria e respondeu:

– Foi apenas um pesadelo.

– Hum. – Will parecia pensativo. – Também tiveste um ontem à noite. E na noite anterior. Queres conversar sobre alguma coisa, Jamie?

Por um momento, James imaginou desabafar com o pai. Belial, Grace, a pulseira, Cordelia, Lilith. Tudo isso.

Mas a imagem na sua cabeça não durou. Não conseguia imaginar a reação do pai. Não conseguia imaginar-se a proferir as palavras. Tinha guardado tudo dentro de si durante muito tempo, não sabia o que fazer

senão aguentar mais tempo, com mais força, protegendo-se da única maneira que conhecia.

– Estou só preocupado com Lucie – disse. – Com aquilo em que se poderá ter metido.

A expressão de Will mudou; James pensou ter visto um lampejo de decepção no rosto do pai, embora fosse difícil perceber na penumbra.

– Então volta para a cama. É provável que a encontremos amanhã, como diz Magnus, e será melhor estarmos repousados. Pode não gostar de nos ver.



O CREPÚSCULO DOS DIAS

*A minha Paris é uma terra onde o crepúsculo dos dias
Se funde em noites violentas de ouro e negro;
Onde, talvez, a flor da madrugada seja fria:
Ah, mas as noites douradas e os caminhos perfumados!*

ARTHUR SYMONS, «Paris»

Os ladrilhos dourados brilhavam sob as luzes do candelabro magnífico, que derramava gotas de luz como flocos de neve sacudidos de um galho de árvore. A música era baixa e doce, intensificando-se quando James se destacou da multidão de dançarinos e estendeu a mão para Cordelia.

– Dança comigo – disse. Estava belo na sua sobrecasaca preta, a cor carregada do tecido a acentuar o dourado dos olhos, a definição das maçãs do rosto. O cabelo negro caía-lhe sobre a testa. – Estás linda, Daisy.

Cordelia aceitou a mão. Virou a cabeça quando ele a puxou para a pista de dança, vislumbrando de relance os dois no espelho ao fundo do salão de baile, James de preto e ela ao lado, num vestido ousado de veludo vermelho-rubi. James fitava-a – não – estava a olhar para o outro lado da sala, onde uma rapariga pálida com um vestido cor de marfim, o cabelo da cor de pétalas de rosa de um branco-creme, lhe devolia o olhar.

Grace.

– Cordelia! – A voz de Matthew fê-la abrir os olhos. Cordelia, a sentir-se tonta, pousou por um instante a mão na parede do provador para se

firmar. O devaneio... pesadelo? Não fora assim tão agradável... tinha sido terrivelmente intenso.

– Madame Beausoleil quer saber se precisas de alguma ajuda. Claro – acrescentou, com a voz cheia de malícia – que eu próprio prestaria essa ajuda, mas isso seria escandaloso.

Cordelia sorriu. Em geral, os homens nem sequer acompanhavam esposas ou irmãs a uma costureira. Quando tinham chegado para a primeira visita, há dois dias, Matthew exibira o Sorriso e convencera Madame Beausoleil a deixá-lo permanecer na loja com Cordelia. «Ela não fala francês», mentira, «e vai precisar da minha ajuda».

Mas deixá-lo entrar na loja era uma coisa. Deixá-lo entrar no gabinete de provas, onde Cordelia acabara de vestir um vestido de veludo vermelho intimidativamente sofisticado, seria de facto *un affront et un scandale!*, sobretudo num estabelecimento tão exclusivo como o de Madame Beausoleil.

Respondeu que estava bem, mas, um instante depois, bateram à porta e apareceu uma das *modistes*, com um abotoador. Atacou os fechos nas costas do vestido de Cordelia sem necessitar de nenhuma instrução, era óbvio que já fizera isso antes, e empurrou e puxou Cordelia como se ela fosse um manequim empalhado. Pouco depois, com o vestido abotoado, o peito erguido e as saias ajustadas, Cordelia foi decantada para a sala principal do salão da costureira.

Era um lugar bem decorado, todo azul-claro e dourado como um ovo de Páscoa mundano. Na primeira visita, Cordelia tinha ficado surpreendida e estranhamente encantada ao ver como exibiam os produtos: modelos, altas, esbeltas e quimicamente loiras, passeavam-se pela sala, usando fitas pretas numeradas em volta da garganta para mostrar que exibiam um estilo específico. Atrás de uma porta com cortina de renda, havia uma abundância de tecidos à escolha: sedas e veludos, cetim e organza. Cordelia, ao ser presenteada com esse tesouro, agradecera em silêncio a Anna as instruções que lhe dera sobre moda: tinha dispensado as rendas e tons pastel e logo escolhera o que sabia lhe ficaria bem. Em apenas um par de dias, as costureiras tinham feito o que ela encomendara e agora voltara para experimentar os produtos finais.

E se o rosto de Matthew dizia alguma coisa, escolhera bem. Ele tinha-se instalado num cadeirão dourado, às riscas pretas e brancas, com um

livro aberto sobre os joelhos, o escandaloso e ousado *Claudine à Paris*. Quando Cordelia saiu do provador e veio ver como o vestido lhe ficava no espelho triplo, ele levantou a cabeça e os olhos verdes escureceram.

– Estás linda.

Por um momento, ela quase fechou os olhos. *Estás linda, Daisy*. Mas não ia pensar em James. Não agora. Não quando Matthew estava a ser tão amável e a emprestar-lhe dinheiro para comprar estas roupas (tinha fugido de Londres só com um vestido e desesperava por alguma coisa limpa para vestir). Afinal, ambos tinham feito promessas: Matthew, que não beberia em excesso enquanto estivessem em Paris; Cordelia, que não se castigaria com pensamentos sombrios sobre os seus malogros, pensamentos sobre Lucie, o pai, o casamento. E, desde que tinham chegado, Matthew nem tocara num copo de vinho ou numa garrafa.

Pondo de lado a sua melancolia, sorriu para Matthew e voltou a sua atenção para o espelho. Quase parecia uma desconhecida. O vestido tinha sido feito à medida e o decote era acentuado, ao passo que a saia se colava às ancas antes de se abrir em evasê, como o caule e as pétalas de um lírio. As mangas eram curtas e pregueadas, expondo os braços. As suas Marcas destacavam-se pretas na pele de um moreno claro, embora os encantamentos impedissem que os olhos mundanos reparassem nelas.

Madame Beausoleil, que tinha o seu *salon* na Rue de la Paix, onde se situavam as costureiras mais famosas do mundo – House of Worth, Jeanne Paquin – estava, segundo Matthew, bem familiarizada com o Mundo das Sombras. «Hypatia Vex não compra em mais sítio nenhum», tinha contado a Cordelia ao pequeno-almoço. O próprio passado de Madame estava envolto em profundo mistério, o que Cordelia achava ser muito francês da parte dela.

Havia muito pouco sob o vestido, parecia que era moda em França os vestidos abraçarem a forma do corpo. Aqui, justilhos finos eram inseridos no tecido do corpete. O vestido franzia no busto com uma roseta de flores de seda; a saia alargava-se em evasê no fundo com um folho de renda dourada. As costas tinham um decote, mostrando a curva da espinha. Era uma obra de arte, o vestido, e disse-o a Madame (em inglês, com Matthew a traduzir) quando ela se afadigou à sua volta, com a almofada dos alfineiros à mão, para conferir o resultado do seu trabalho.

Madame riu-se baixinho.

– O meu trabalho é muito fácil – observou. – Tenho apenas de realçar a grande beleza que a sua mulher já possui.

– Oh, ela não é minha mulher – retorquiu Matthew, com os olhos verdes a cintilar. Matthew adorava qualquer arremedo de escândalo. Cordelia fez-lhe uma careta.

Para seu mérito, ou talvez fosse apenas porque estavam em França, Madame nem sequer pestanejou.

– *Alors* – disse. – É raro conseguir vestir uma beldade tão natural e invulgar. Aqui a moda é toda para loiras, loiras, mas as loiras não podem usar esta cor. É sangue e fogo, demasiado intenso para pele e cabelo claros. Ficam-lhes bem as rendas e tons pastel, mas Miss...?

– Miss Carstairs – replicou Cordelia.

– Miss Carstairs escolheu muito bem para o seu tom de pele. Quando entrar numa sala, *mademoiselle*, parecerá a chama de uma vela, atraindo olhares como mariposas.

Miss Carstairs. Cordelia não tinha sido a Sr.^a Cordelia Herondale durante muito tempo. Sabia que não devia apegar-se ao nome. Magoava-a perdê-lo, mas isso era autocomiseração, disse consigo própria com firmeza. Era uma Carstairs, uma Jahanshah. O sangue de Rostam corria-lhe nas veias. Vestir-se-ia de fogo se quisesse.

– Este vestido merece adorno – comentou Madame em tom pensativo. – Um colar de rubis e ouro. Essa é uma bugiganga bonita, mas demasiado pequena. – Deu um piparote no pequeno pingente de ouro no pescoço de Cordelia. Um minúsculo globo num fio de ouro.

Tinha sido um presente de James. Cordelia sabia que o devia tirar, mas ainda não estava preparada para isso. De algum modo, parecia-lhe um gesto mais definitivo do que cortar a sua runa de casamento.

– Comprava-lhe rubis de bom grado, se ela me deixasse – retorquiu Matthew. – Infelizmente, ela recusa.

Madame pareceu intrigada. Se Cordelia era a amante de Matthew, como tinha claramente concluído, porque recusaria colares? Deu uma palmadinha no ombro de Cordelia, com pena do seu péssimo instinto para o negócio.

– Há uns joalheiros maravilhosos na Rue de la Paix. Talvez se der uma olhadela às vitrinas, mude de ideias.

– Talvez – respondeu Cordelia, a lutar contra a vontade de deitar a língua de fora a Matthew. – De momento, tenho de me concentrar nas roupas. Como o meu amigo explicou, a minha mala perdeu-se na viagem. Consegue entregar as roupas no Le Meurice ao final da tarde?

– Claro, claro. – Madame assentiu e recuou para o balcão na outra ponta da sala, onde começou a fazer contas a lápis numa nota de venda.

– Agora acha que sou tua amante – disse Cordelia a Matthew, com as mãos na cintura.

Ele encolheu os ombros.

– Estamos em Paris. As amantes são mais vulgares do que *croissants* ou chávenas de café desnecessariamente minúsculas.

Cordelia soltou uma exclamação de desagrado e desapareceu de novo no provador. Tentou não pensar no custo das peças que tinha encomendado, o vestido de veludo vermelho para as noites frias e mais quatro: um vestido de passeio às riscas pretas e brancas com casaco a condizer, um de cetim esmeralda avivado a *eau de Nil*, um vestido de noite ousado em cetim preto e um de seda cor de café com enfeites de fita dourada. Anna ficaria satisfeita, mas Cordelia precisaria de todas as suas economias para pagar a Matthew. Ele tinha-se oferecido para arcar com os custos, com o argumento de que não haveria problema, parecia que os avós do lado do pai tinham deixado muito dinheiro a Henry, mas Cordelia não poderia consentir. Já aceitara muito de Matthew.

Envervou outra vez o seu velho vestido e juntou-se a Matthew no salão. Ele já pagara, e Madame confirmou a entrega dos vestidos nessa noite. Uma das modelos piscou o olho a Matthew enquanto ele escoltava Cordelia para as ruas movimentadas de Paris.

Estava um dia claro, de céu azul, não tinha nevado em Paris no inverno, embora em Londres sim, e as ruas estavam frias, mas radiosas. Cordelia concordou alegremente em voltar a pé para o hotel com Matthew, em vez de mandar parar um fiacre (o equivalente parisiense de um cabriolé). Matthew, com o livro enfiado no bolso do sobretudo, ainda falava do vestido vermelho.

– Vais simplesmente brilhar nos cabarés. – Era evidente que Matthew considerava ter alcançado uma vitória. – Ninguém vai olhar para os artistas. Bem, para ser justo, os artistas vão estar pintados de vermelho brilhante e a usar chifres de diabo falsos, por isso ainda poderão atrair atenções.

Sorriu para ela – o Sorriso, o que derretia os miseráveis mais implacáveis e fazia chorar homens e mulheres fortes. A própria Cordelia não era imune. Devolveu-lhe o sorriso.

– Estás a ver? – disse Matthew, fazendo um gesto largo com um braço para a vista diante deles: o amplo *boulevard* parisiense, os toldos coloridos das lojas, os cafés onde mulheres com chapéus magníficos e homens com calças extraordinariamente listradas se aqueciam com chávenas de espesso chocolate quente. – Prometi que te ias divertir.

Estaria a divertir-se? refletiu Cordelia. Talvez estivesse. Até ao momento, tinha conseguido não pensar em como desapontara de forma horrível todas as pessoas de quem gostava. E esse, afinal, era o propósito da viagem. Quando se tinha perdido tudo, cogitou, não havia razão nenhuma para não abraçar todas as pequenas felicidades que pudéssemos. Não era essa, afinal, a filosofia de Matthew? Não fora por isso que viera com ele?

Uma mulher sentada num café próximo, com um chapéu carregado de plumas de avestruz e rosas de seda, lançou uma olhadela de Matthew para Cordelia e sorriu, aprovando, presumiu Cordelia, o amor jovem. Há meses, teria corado; agora simplesmente sorriu. O que importava que as pessoas pensassem coisas erradas sobre ela? Qualquer rapariga ficaria feliz por ter Matthew como pretendente, por isso que os transeuntes imaginassem o que quisessem. Afinal, era assim que Matthew geria as coisas, não se importando nada com o que os outros pensavam, sendo simplesmente ele, e era espantoso como isso lhe permitia andar à vontade pelo mundo.

Sem ele, duvidava que pudesse ter feito a viagem até Paris no estado em que se encontrava. Levava-os (em privação de sono, a bocejar) da estação de comboios para o Le Meurice, onde se mostrara sorridente, radioso e divertido com o porteiro. Pensar-se-ia que descansara numa cama de penas nessa noite.

Tinham dormido até à tarde, nessa primeira noite (nos dois quartos separados da suíte de Matthew, com uma sala de estar partilhada) e ela tinha sonhado que desabafara todos os seus pecados ao rececionista do Meurice. *Entende, a minha mãe vai ter um bebé e poderei não estar lá quando isso acontecer, porque ando demasiado ocupada a passear com o melhor amigo do meu marido. Costumava usar a espada mítica Cortana, talvez a conheça de La Chanson de Roland? Sim, bem, afinal revelei-me*

indigna de a brandir e dei-a ao meu irmão, o que também, a propósito, o coloca em perigo potencialmente mortal da parte não de um, mas de dois demónios muito poderosos. Devia tornar-me a parabatai da minha melhor amiga, mas agora isso nunca poderá acontecer. E atrevi-me a pensar que o homem que amo me poderia amar e não a Grace Blackthorn, embora ele tivesse sido sempre direto e honesto em relação ao seu amor por ela.

Quando terminara, levantara a cabeça e vira que o empregado tinha o rosto de Lilith, os olhos um emaranhado de cobras pretas a contorcer-se.

Pelo menos trataste-me bem, querida, dissera Lilith, e Cordelia acordara com um grito que lhe ecoara na cabeça durante vários minutos.

Quando acordou mais tarde, com o som de uma criada a abrir os cortinados, fitara, maravilhada, o dia luminoso, os telhados de Paris a marchar para o horizonte como soldados obedientes. À distância, a Torre Eiffel, a erguer-se, desafiadora, com um céu azul de tempestade em pano de fundo. E, na sala ao lado, Matthew, à espera dela para uma aventura.

Nos dois dias seguintes, tinham comido juntos (uma vez no deslumbrante Le Train Bleu dentro da Gare de Lyon, que encantara Cordelia; tão lindo, como jantar dentro de uma safira lapidada!), passeado juntos nos parques e feito compras juntos: camisas e fatos para Matthew no Charvet, onde Baudelaire e Verlaine tinham comprado as suas roupas, e vestidos, sapatos e um casaco para Cordelia. Não tinha permitido que Matthew lhe comprasse chapéus. Com certeza, tinha-lhe dito, que tinha de haver alguns limites. Ele sugerira que o limite deviam ser guarda-chuvas, que eram essenciais para um traje adequado e que também funcionavam como arma útil. Ela tinha soltado uma risadinha e pensara na altura que era bom rir-se.

Talvez o mais surpreendente fosse Matthew ter cumprido a sua promessa: não tinha consumido uma gota de álcool. Até resistira às caretas de desaprovação dos empregados quando recusava vinho às refeições. Tendo em conta a sua experiência com o problema de bebida do pai, Cordelia estivera à espera de que ele ficasse doente com a falta de álcool, mas, pelo contrário, tinha estado lúcido e cheio de energia, arrastando-a por todo o centro de Paris para os vários locais, os museus, os monumentos, os jardins. Tudo parecia muito maduro e mundano, que era com certeza o objetivo.

Agora olhava para Matthew e pensava: *Ele parece feliz*. Genuinamente, claramente feliz. E se esta viagem a Paris pudesse não ser a sua salvação, podia pelo menos assegurar-se que era a dele.

Matthew pegou-lhe no braço para a ajudar a passar por um trecho de passeio partido. Cordelia pensou na mulher do café, como tinha sorrido para eles, a achar que eram um casal de apaixonados. Se soubesse que Matthew não tinha tentado beijá-la nem uma vez. Tinha sido o modelo de um cavalheiro controlado. Uma ou duas vezes, quando desejavam boa-noite na suíte do hotel, ela tinha pensado detetar uma certa expressão nos olhos dele, mas talvez o estivesse a imaginar? Não tinha a certeza do que esperara, nem tinha a certeza do que sentia em relação a... bem, tudo.

– Estou a divertir-me – disse agora e estava a falar a sério. Sabia que era mais feliz aqui do que teria sido em Londres, onde se teria refugiado na casa da família em Cornwall Gardens. Alastair teria tentado ser simpático e a mãe teria ficado chocada e triste, e o peso de tentar aguentar aquilo tudo tê-la-ia feito querer morrer.

Isto era melhor. Tinha enviado um bilhete rápido à família, do serviço de telégrafo do hotel, dizendo-lhes que estava em Paris, a fazer compras para o seu guarda-roupa de primavera, acompanhada por Matthew. Suspeitava que achariam esquisito, mas, pelo menos, esperava, não alarmante.

– Estou curiosa – acrescentou, quando se aproximaram do hotel, com a sua fachada sólida, varandas em ferro forjado e luzes a cintilar nas janelas, projetando o seu brilho sobre as ruas inverniais. – Mencionaste que eu ia brilhar num cabaré? Que cabaré e quando vamos?

– Na verdade, hoje à noite – respondeu Matthew, abrindo-lhe a porta do hotel. – Vamos viajar juntos para o coração do Inferno. Estás preocupada?

– De maneira nenhuma. Estou contente por ter escolhido um vestido vermelho. Vai ser temático.

Matthew riu-se, mas Cordelia não deixou de perguntar a si mesma: viajar juntos para o coração do Inferno? O que diabo queria dizer?



Não encontraram Lucie no dia seguinte.

A neve não perdurara, e as estradas, pelo menos, estavam limpas. *Balios* e *Xanthos* caminhavam com dificuldade entre paredes de sebes, o sopro

branco da respiração no ar. Chegaram a Lostwithiel, uma pequena aldeia no interior, a meio do dia, e Magnus dirigiu-se a uma taberna chamada Wolf's Bane para fazer perguntas. Saiu a abanar a cabeça e, embora tivessem ido mesmo assim à morada que lhes tinham dado anteriormente, a casa estava abandonada e com o telhado velho a cair.

– Existe outra possibilidade – sugeriu Magnus, voltando a subir para a carruagem. Flocos de neve fina, que tinham com toda a probabilidade caído dos restos do telhado, estavam grudados às suas sobancelhas negras. – A dada altura do século passado, um misterioso cavaleiro de Londres comprou uma velha capela em ruínas em Peak Rock, numa aldeia de pescadores chamada Polperro. Recuperou o sítio, mas é raro sair de lá. Os mexericos locais no Mundo-à-Parte dizem que é um feiticeiro; parece que, às vezes, à noite, saem chamas púrpuras da sua chaminé.

– Pensei que vivia *aqui* um feiticeiro – replicou Will, indicando a casa de quinta calcinada.

– Nem todos os boatos são verdadeiros, Herondale, mas todos devem ser investigados – disse Magnus com serenidade. – De qualquer modo, devemos conseguir chegar a Polperro daqui a poucas horas.

James suspirou para dentro. Mais horas, mais espera. Mais preocupação, por causa de Lucie, de Matthew e de Daisy. Por causa do seu sonho.

Despertam.

– Então vou divertir-vos com uma história – retorquiu Will. – A história da minha viagem infernal com *Balios*, de Londres para Cadair Idris, no País de Gales. A tua mãe, James, estava desaparecida, raptada pelo miserável Mortmain. Saltei para a sela de *Balios*. «Se alguma vez me amaste, *Balios*», gritei, «que os teus pés sejam rápidos e leva-me à minha amada Tessa antes que algum mal lhe aconteça». Era uma noite de temporal, embora a tempestade que rugia no meu peito fosse ainda mais intensa...

– Não acredito que ainda não tenhas ouvido esta história, James – disse Magnus com suavidade. Partilhavam os dois um lado da carruagem, pois tinha-se tornado logo evidente no primeiro dia de viagem que Will precisava do outro lado inteiro para os seus gestos dramáticos.

Era muito estranho ter ouvido histórias de Magnus a vida inteira e agora viajar tão perto dele. O que James aprendera nesses dias de viagem era que, apesar dos seus trajes complicados e ares teatrais, que

tinham alarmado vários estalajadeiros, Magnus era surpreendentemente calmo e prático.

– Não ouvi – respondeu James. – Não desde quinta-feira passada.

Não disse que era de facto bastante reconfortante ouvi-la de novo. Era uma história que o pai lhe contara muitas vezes, a ele e a Lucie, que a adorara quando era nova: Will, seguindo o seu coração, a correr a salvar a mãe que, ainda não sabia, também o amava.

James encostou a cabeça à janela da carruagem. A paisagem tinha-se tornado impressionante: penhascos tombavam à esquerda e, lá em baixo, o troar de ondas fortes, ondas de um oceano metalizado a bater contra as rochas de dedos nodosos estendidos para o mar azul-acinzentado. Ao longe, viu uma igreja no topo de um promontório, recortada no céu, o seu campanário cinzento parecendo terrivelmente solitário, terrivelmente longe de tudo.

A voz do pai era uma toada nos seus ouvidos, as palavras da história tão familiares como uma canção de embalar. James não pôde deixar de pensar em Cordelia, a ler-lhe Ganjavi. O poema favorito dela, sobre os amantes condenados Layla e Majnun. A voz dela, macia como veludo. *E quando a lua lhe revelou a face, mil corações foram conquistados: nenhum orgulho, nenhum escudo poderia conter o seu poder. Layla, chamava-se.*

Cordelia sorriu-lhe do outro lado da mesa, no escritório. O jogo de xadrez estava preparado e ela segurava um cavalo de marfim na sua mão graciosa. A luz da lareira iluminava-lhe o cabelo, um halo de chamas e ouro.

– O xadrez é um jogo persa – disse-lhe. – *Bia ba man bazi kon*. Joga comigo, James.

– *Kheili khoshgeli* – retorquiu ele. Encontrou as palavras com facilidade: tinha sido a primeira coisa que tinha aprendido a dizer em persa, embora nunca as tivesse dito antes à sua mulher. *És tão bela.*

Ela corou. Os lábios tremeram, vermelhos e cheios. Os seus olhos eram tão escuros que cintilavam, eram cobras negras, a mexer-se e a precipitar-se, a tentar morder-lhe com os dentes...

– James! Acorda!

A mão de Magnus estava no seu ombro, a abaná-lo. James acordou com vômitos, o punho enfiado no estômago. Estava na carruagem, embora o céu lá fora tivesse escurecido. Quanto tempo passara? Tinha

estado outra vez a sonhar. Desta vez, Cordelia tinha sido arrastada para os seus pesadelos. Voltou a afundar-se no assento almofadado, a sentir-se mal do estômago.

Lançou uma olhadela ao pai. Will estava a fitá-lo com uma rara expressão severa, os olhos muito azuis. Disse:

– James, tens de nos contar o que se passa.

– Nada. – Tinha um gosto amargo na boca. – Adormeci, outro sonho, já te disse, estou preocupado com Lucie.

– Estavas a chamar por Cordelia – replicou Will. – Nunca ouvi ninguém parecer sentir tanto sofrimento. Jamie, tens de falar connosco.

Magnus olhava de James para Will. Tinha a mão no ombro de James, pesada com o peso dos anéis.

– Gritaste também outro nome – disse. – E uma palavra. Que me deixa muito nervoso.

Não, pensou James. *Não*. Lá fora, o Sol punha-se, e as quintas espalhadas entre as colinas brilhavam de um vermelho-escuro.

– Tenho a certeza de que foi algum disparate.

– Gritaste o nome de Lilith. – Magnus fitou James com calma. – No Mundo-à-Parte fala-se muito dos acontecimentos recentes em Londres. Nunca achei muito aceitável a história que me contaram. Há também rumores sobre a Mãe dos Demónios. James, não precisas de nos contar o que sabes. Mas, de qualquer forma, iremos deduzir tudo. – Lançou uma olhadela a Will. – Bem, eu irei; não posso prometer nada pelo teu pai. Sempre foi lento.

– Mas nunca usei um boné russo com orelheiras de pele – comentou Will –, ao contrário de alguns indivíduos aqui presentes.

– Todos os lados cometeram erros – retorquiu Magnus. – James?

– Não tenho um boné com orelheiras – disse James.

Os dois homens fulminaram-no com os olhos.

– Não posso dizer tudo agora – continuou James e sentiu o coração falhar uma batida: pela primeira vez, tinha admitido que havia alguma coisa a dizer. – Não se formos encontrar Lucie...

Magnus abanou a cabeça.

– Já está escuro, está a começar a chover e dizem que o caminho de Chapel Cliff para Peak Rock é precário. É mais seguro parar esta noite e ir amanhã de manhã.

Will assentiu; era evidente que ele e Magnus tinham discutido os seus planos enquanto James dormia.

– Muito bem – disse Magnus. – Paramos na próxima estalagem decente. Alugo uma sala onde possamos conversar em privado. E James... seja lá o que for, podemos resolvê-lo.

James duvidava muito disso, mas parecia inútil dizê-lo. Assim, viu o sol desvanecer-se através da janela, com a mão enfiada no bolso. As luvas de Cordelia, o par que trouxera de casa, ainda lá estavam, a pelica macia como pétalas de flores. Fechou a mão em volta de uma delas.



Num pequeno quarto branco perto do oceano, Lucie Herondale estava constantemente a acordar e a adormecer.

Quando acordara pela primeira vez, ali na cama estranha que cheirava a palha velha, tinha ouvido uma voz, a voz de Jesse, e tinha tentado chamar, mostrar-lhe que estava consciente. Mas antes de conseguir fazê-lo, a exaustão assolara-a como uma onda cinzenta fria. Uma exaustão como nunca sentira antes, ou sequer imaginara, profunda como um ferimento de faca. O controlo sobre o seu estado de vigília escapara-lhe, lançando-a na escuridão da sua própria mente, onde o tempo oscilava e vacilava como um navio numa tempestade e mal conseguia dizer se estava acordada ou a dormir.

Nos momentos de lucidez, detetara apenas alguns detalhes. O quarto era pequeno, pintado da cor de uma casca de ovo; havia uma única janela através da qual conseguia ver o oceano e as ondas a rolar, um cinzento metalizado escuro com pontas brancas. Também conseguia ouvir o oceano, pensou, mas o seu rugido distante vinha muitas vezes misturado com ruídos muito menos agradáveis e não conseguia perceber o que era real na sua percepção.

Havia duas pessoas que entravam no quarto de tempos a tempo para ver como ela estava. Uma era Jesse. A outra era Malcolm, uma presença mais tímida; sabia que estavam na casa dele, a da Cornualha, com o mar a bater nas rochas lá fora.

Ainda não conseguira falar com nenhum deles; quando tentava, era como se a sua mente conseguisse formar as palavras, mas o corpo não

reagisse às suas ordens. Nem sequer conseguia mexer um dedo para chamar a atenção para o facto de estar acordada, e todos os seus esforços apenas a enviavam de volta à escuridão.

A escuridão não era apenas o interior da sua mente. Tinha pensado que era, ao princípio, a escuridão familiar que vinha antes de o sono trazer as cores vívidas dos sonhos. Mas esta escuridão era um *lugar*.

E, nesse lugar, não estava sozinha. Embora parecesse um vazio através do qual vagava sem propósito, conseguia pressentir a presença de outros, não vivos, mas também não mortos: sem corpo, as suas almas a girar no vazio, mas nunca se encontrando com ela, nem uns com os outros. Eram infelizes, estas almas. Não percebiam o que lhes estava a acontecer. Gemiam constantemente, um grito sem palavras de dor e tristeza que se cravava sob a sua carne.

Sentiu qualquer coisa roçar na face. Voltou ao seu corpo. Estava outra vez no quarto branco. O toque na sua face era a mão de Jesse; sabia-o sem ser capaz de abrir os olhos, ou mexer-se para reagir.

– Está a chorar – disse ele.

A voz dele. Havia nela uma intensidade, uma textura que não possuíra quando era um fantasma.

– Pode estar a ter um pesadelo. – A voz de Malcolm. – Jesse, ela está bem. Gastou muita energia a trazer-te de volta. Precisa de descansar.

– Mas não estás a perceber, é *porque* me trouxe de volta. – A voz de Jesse falhou. – Se ela não se curar... nunca me perdoarei.

– Este dom dela. Esta capacidade para entrar no véu que separa os vivos dos mortos. Teve-a a vida toda. A culpa não é tua; se for de alguém, é de Belial. – Malcolm suspirou. – Sabemos tão pouco sobre os reinos das sombras para lá do fim de tudo. E ela penetrou muito neles, para te puxar de volta. Está a levar algum tempo a regressar.

– Mas se estiver presa nalgum lugar horrível? – O afago leve surgiu de novo, a mão de Jesse a envolver-lhe a face. Lucie queria tanto virar a face na palma da mão dele que até doía. – E se ela precisar que eu a puxe cá para fora, de algum modo?

Quando Malcolm voltou a falar, a sua voz era mais gentil.

– Passaram dois dias. Se amanhã não estiver acordada, posso tentar chegar a ela com magia. Vou investigar isso, *se*, entretanto, parares de estar

aqui em cima dela cheio de preocupação. Se queres mesmo tornar-te útil, podes ir à aldeia buscar algumas coisas de que precisamos...

A sua voz vacilou, perdendo-se no silêncio. Lucie estava outra vez no lugar escuro. Conseguia ouvir Jesse, a voz deste um sussurro distante, quase inaudível.

– *Lucie, se me consegues ouvir... estou aqui. Estou a cuidar de ti.*

Estou aqui, tentou responder. *Consigo ouvir-te.* Mas como anteriormente e antes disso ainda, as palavras foram engolidas em sombra e caiu outra vez no vazio.



– Quem é um pássaro lindo? – disse Ariadne Bridgestock.

Winston, o papagaio, fitou-a de olhos semicerrados. Não ofereceu nenhuma opinião sobre quem poderia ou não ser um pássaro lindo. A sua atenção, tinha Ariadne a certeza, estava concentrada no punhado de castanhas-do-maranhão que tinha na mão.

– Pensei que podíamos conversar – continuou Ariadne, tentando-o com uma castanha. – Os papagaios devem falar. Porque não me perguntas como correu o dia até agora?

Winston fulminou-a com o olhar. Tinha sido um presente dos pais, há muito tempo, quando ela chegara pela primeira vez a Londres e ansiava por alguma coisa colorida para compensar o que achava ser o cinzentismo desolador da cidade. *Winston* tinha um corpo verde, uma cabeça cor de ameixa e o temperamento de um canalha.

O seu olhar deixou claro que não haveria conversas até ela fornecer uma castanha do maranhão. *Vencida por um papagaio*, pensou Ariadne, e passou-lhe o petisco através das grades. Matthew Fairchild tinha um belo cão dourado como animal de estimação, e ali estava ela, presa com o temperamental lorde Byron das aves.

Winston engoliu a castanha e estendeu uma garra, agarrando uma das barras da sua gaiola.

– Pássaro lindo – gargalhou. – Pássaro lindo.

Muito bem, pensou Ariadne.

– O meu dia tem sido horrível, obrigada por perguntas – disse, dando outra castanha a *Winston* através das barras. – A casa está muito

vazia e solitária. A minha mãe anda por aí atrapalhada, com ar abatido e preocupada com o pai. Ele partiu há cinco dias. E... nunca pensei que fosse sentir a falta de *Grace*, mas pelo menos seria uma companhia.

Não mencionou Anna. Algumas coisas não eram da conta de *Winston*.

– Grace – resmungou ele. Bateu nas barras da gaiola de forma significativa. – Cidade Silenciosa.

– De facto – murmurou Ariadne.

O pai e Grace tinham partido na mesma noite e as suas partidas deviam ter estado ligadas, embora Ariadne não tivesse a certeza de que forma. O pai precipitara-se para a Cidadela de Adamant, com a intenção de interrogar Tatiana Blackthorn. Na manhã seguinte, Ariadne e a mãe tinham descoberto que Grace também partira, tendo emalado as suas parcas posses e saído pela calada da noite. Apenas à hora do almoço, apareceu um mensageiro com um bilhete de Charlotte, a informá-las que Grace estava sob custódia dos Irmãos Silenciosos, a falar com eles sobre os crimes da mãe.

A mãe de Ariadne tinha desfalecido de alvoroço com aquilo.

– Oh, ter abrigado, por desconhecimento, uma criminosa sob o nosso teto!

Ariadne revirara os olhos e salientara que Grace se tinha ido embora de livre vontade, não arrastada pelos Irmãos Silenciosos, e que Tatiana Blackthorn é que era a criminosa. Tatiana já causara muitos problemas e sofrimento e se Grace desejava dar, aos Irmãos Silenciosos, mais informações sobre as suas atividades ilegais, bem, isso era de boa cidadã.

Sabia que era ridículo sentir a falta de Grace. Era raro conversarem. Mas a sensação de solidão era tão intensa, pensou Ariadne, que ter alguém *ali* com certeza a aliviaria. Claro que havia pessoas com quem desejava ativamente falar, mas estava a fazer o possível por não pensar nessas pessoas. Não eram suas amigas, não propriamente. Eram amigas de Anna, e Anna...

O seu devaneio foi interrompido pelo toque áspero da campainha da porta. *Winston*, viu, tinha adormecido, pendurado de cabeça para baixo. À pressa, despejou o resto dos frutos secos no prato da comida e correu do jardim de inverno para a parte da frente da casa, ansiosa por notícias.

Mas a mãe tinha chegado à porta primeiro. Ariadne parou ao cimo das escadas quando ouviu a voz:

– Consulesa Fairchild, olá. E Sr. Lightwood. Que amável terem vindo.

– Fez uma pausa. – Talvez tragam notícias de... de Maurice?

Ariadne detetou o medo na voz de Flora Bridgestock, o que a colocou ao chão. Pelo menos encontrava-se numa curva da escada, não a podiam ver da porta. Se Charlotte Fairchild trazia notícias – más notícias – estaria mais disposta a transmiti-las à mãe sem Ariadne presente.

Esperou, agarrando o pilar da escada, até ouvir a voz suave de Gideon Lightwood.

– Não, Flora. Não soubemos de nada desde que ele partiu para a Islândia. Estávamos à espera que... bem, que *tu* soubesses.

– Não – retorquiu a mãe. Parecia desprendida, distante; Ariadne sabia que se esforçava por não mostrar medo. – Presumi que se ele contactasse com alguém seria com o gabinete da consulesa.

Fez-se um silêncio confrangedor. Ariadne, a sentir-se tonta, desconfiava que Gideon e Charlotte estavam a desejar não ter vindo.

– Não tiveram notícias nenhuma da Cidadela? – perguntou por fim a mãe. – Das Irmãs de Ferro?

– Não – admitiu a consulesa. – Mas são um grupo reservado, mesmo nas melhores circunstâncias. É provável que seja difícil interrogar Tatiana; é possível que sintam apenas que ainda não há notícias.

– Mas mandaram-lhes mensagens – disse Flora. – E elas não responderam. Talvez... O Instituto de Reiquiavique? – Ariadne pensou detetar um toque do medo da mãe a perpassar pelas ameias da sua boa educação. – Sei que não podemos localizá-lo, pois seria por cima da água, mas elas podiam. Eu podia dar-te qualquer coisa dele para lhes enviar. Um lenço ou...

– Flora. – A consulesa falou na sua voz mais bondosa; Ariadne calculou que, neste momento, estaria a pegar na mão da mãe. – Isto é uma missão do maior secretismo; Maurice seria o primeiro a exigir que não alarmássemos a Clave no geral. Enviaremos outra mensagem para a Cidadela e, se não obtivermos resposta, lançaremos uma investigação própria. Prometo-te.

A mãe de Ariadne murmurou a sua concordância, mas Ariadne estava apreensiva. A consulesa e o seu conselheiro mais próximo não vinham fazer uma visita pessoal apenas porque estavam ansiosos por notícias. Alguma coisa os preocupava; alguma coisa que não tinham mencionado a Flora.

Charlotte e Gideon despediram-se com mais garantias. Quando Ariadne ouviu o trinco da porta fechar-se, desceu as escadas. A mãe, que estava de pé imóvel na entrada, sobressaltou-se quando a viu. Ariadne fez o possível por dar a impressão de que estava a chegar.

– Ouvi vozes – observou. – Foi a consulesa que acabou de sair?

A mãe assentiu vagamente, perdida em pensamentos.

– E Gideon Lightwood. Queriam saber se tínhamos recebido alguma mensagem do teu pai. E eu com esperança de que tivessem vindo dizer que tinham tido notícias dele.

– Não há problema, mamã. – Ariadne pegou nas mãos da mãe. – Sabes como é o pai. Vai ser cuidadoso, fazer as coisas devagar e tentar saber tudo o que puder.

– Oh, eu sei. Mas... para começar, ele é que teve a ideia de enviar Tatiana para a Cidadela de Adamant. Se aconteceu alguma coisa...

– Foi um ato de misericórdia – disse Ariadne com firmeza. – Não a trancar na Cidade Silenciosa, onde sem dúvida ficaria mais louca do que já estava.

– Mas não sabíamos nessa altura o que sabemos agora – retorquiu a mãe. – Se Tatiana Blackthorn teve alguma coisa que ver com o ataque do Leviatã ao Instituto... isso não é obra de uma mulher louca merecedora de piedade. É guerra contra os Nefilim. É o ato de um adversário perigoso, aliado ao maior dos demónios.

– Ela estava na Cidadela de Adamant quando o Leviatã atacou – assinalou Ariadne. – Como podia ser responsável sem as Irmãs de Ferro saberem? Não te preocupes, mamã – acrescentou. – Ficaré tudo bem.

A mãe suspirou.

– Ari, transformaste-te numa rapariga adorável. Vou sentir a tua falta quando algum belo homem te escolher e partires para te casares.

Ariadne soltou uma exclamação evasiva.

– Oh, eu sei, foi uma experiência horrível com aquele Charles – disse a mãe. – A seu tempo encontrarás um homem melhor.

Inspirou fundo e endireitou os ombros e, não pela primeira vez, Ariadne relembrou que a mãe era uma Caçadora de Sombras como qualquer outra e enfrentar dificuldades fazia parte do trabalho.

– Pelo Anjo – prosseguiu, num novo tom enérgico –, a vida continua e não podemos ficar aqui na entrada a preocupar-nos o dia todo. Tenho

muita coisa que fazer... a mulher do Inquisidor tem de aguentar o forte enquanto o senhor está fora e isso tudo...

Ariadne murmurou a sua concordância e beijou a mãe na face antes de voltar a subir as escadas. A meio do corredor, passou pela porta do escritório do pai que estava entreaberta. Empurrou-a mais um pouco e espreitou lá para dentro.

O escritório tinha sido deixado numa confusão alarmante. Se esperava que olhar para o escritório de Maurice Bridgestock a faria sentir-se mais próxima do pai, ficou dececionada: ainda ficou mais preocupada. O pai era meticuloso e organizado e orgulhava-se disso. Não tolerava desordem. Sabia que ele partira à pressa, mas o estado da sala mostrava como devia estar em pânico.

Quase sem pensar, deu por si a arrumar as coisas: empurrou a cadeira para baixo da secretária, libertou os cortinados que tinham ficado dobrados por cima de um abajur, levou as chávenas de chá para o corredor onde a empregada as encontraria. Havia cinzas frias em frente da grelha; pegou na pequena vassoura de latão para as varrer de volta à lareira...

E parou.

Havia qualquer coisa branca a brilhar entre as cinzas na grelha da lareira. Reconheceu a caligrafia bonita do pai numa pilha de papéis carbonizados. Inclinou-se mais... que tipo de anotações o pai achara que precisava de destruir antes de partir de Londres?

Puxou os papéis da lareira, sacudiu as cinzas e começou a ler. Sentiu uma secura cortante na garganta, como se estivesse quase a sufocar.

Rabiscadas no topo da primeira página encontravam-se as palavras *Herondale/Lightwood*.

Era uma transgressão óbvia continuar a ler, mas as letras do nome Lightwood cravavam-se nos olhos; não conseguia desviar-se daquilo. Se houvesse algum tipo de problema para a família de Anna, como podia recusar-se a saber?

As páginas estavam marcadas com anos: 1896, 1892, 1900. Folheou os papéis e sentiu um dedo gelado na nuca.

Escrito na caligrafia do pai, não havia um rol do dinheiro gasto ou ganho, mas sim descrições de acontecimentos. Acontecimentos que envolviam Herondales e Lightwoods.

Não, acontecimentos não. Falhas. Erros. Pecados. Era um registo de qualquer ação empreendida por um Herondale e Lightwood que tivesse causado o que o pai considerava problemas; qualquer coisa que pudesse ser caracterizada como irresponsável ou impensada estava anotada ali.

12/3/01: G2.L ausente de reunião do Conselho sem explicação. CF zangada.

6/9/98: WW em Waterloo diz WH/TH recusaram reunião, fazendo com que perturbassem Mercado.

8/1/95: Chefe do Instituto de Oslo recusa encontrar-se com TH, citando a sua ascendência.

Ariadne sentiu-se mal. A maioria das ações anotadas parecia coisa pequena, insignificante, ou boato; o relato de que o chefe do Instituto de Oslo não se encontraria com Tessa Herondale, uma das senhoras mais amáveis que Ariadne já conhecera, era chocante. O chefe do Instituto de Oslo devia ter sido repreendido; em vez disso, o acontecimento estava registado como se tivesse sido culpa dos Herondale.

O que era aquilo? O que estava o pai a pensar?

No fundo da pilha havia outra coisa. Uma folha de papel de carta de um branco-creme. Não anotações, mas uma carta. Ariadne ergueu a missiva, separando-a do resto da pilha, os olhos a percorrer as linhas, com incredulidade.

– Ariadne?

Rapidamente, Ariadne enfiou a carta no corpete do vestido, antes de se levantar para fitar a mãe. Parada à porta, Flora franzia o sobrolho, de olhos semicerrados. Quando falou, foi sem nenhum do afeto que demonstrara na conversa lá em baixo.

– Ariadne... o que estás a fazer?